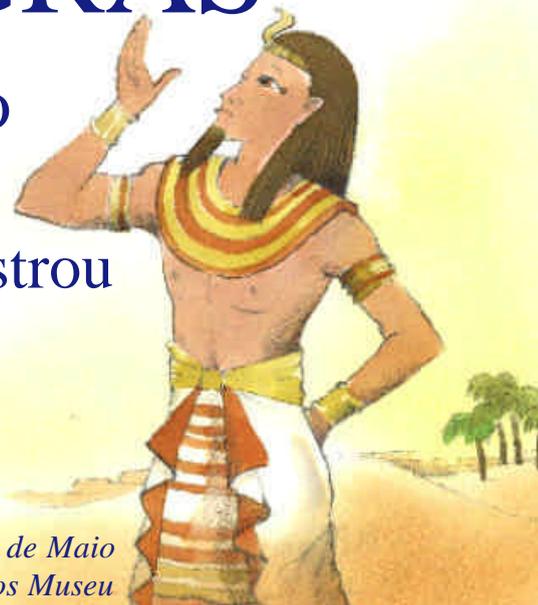


# O TEMPO DAS VACAS MAGRAS

António Torrado  
escreveu e  
Cristina Malaquias ilustrou

*18 de Maio  
Dia dos Museus*



**O**s reis que mandavam no Egipto de antigamente eram os faraós. Um deles, uma vez, teve um sonho.

No princípio do sonho, o faraó viu-se junto à margem de um rio. Do rio saíram sete vacas bonitas e gordas, que se puseram a pastar na erva. Passado algum tempo, outras sete vacas saíram do rio, mas estas eram enfezadas e feias.

Depois – coisa estranha! – as sete vacas magras devoraram as sete vacas gordas. Só em sonhos isto pode acontecer.

Foi este o pensamento do faraó, ao acordar. Sentia-se incomodado com o sonho que tivera e todo o dia empreendeu nele, a ponto de o contar aos seu séquito, com todos os pormenores, como se ainda o estivesse a sonhar.

– Há-de ser um sinal, um aviso – dizia, constantemente, o faraó. – Mas que sinal, que aviso?

Alguém se lembrou de um escravo, chamado José, que tinha fama de interpretar os sonhos mais escabrosos. Naquele tempo, acreditava-se que os sonhos eram recomendações divinas para guiar a conduta dos homens.

Chamado à corte, José ouviu do faraó o estranho sonho. Os cortesãos já quase o sabiam de cor.

José ouviu e ficou, depois, em meditações, como se estivesse a rezar. À sua volta, aumentava a impaciência.

Até que José anunciou:

– As sete vacas gordas vão ser sete anos de abundância. A seguir virão sete anos de fome, como sete vacas magras. A riqueza dos sete primeiros anos será consumida pelos sete anos seguintes, em que o Egito, devastado, se for mal gerido, conhecerá a miséria.

O faraó concordou. Algo lhe dizia que as palavras do escravo eram portadoras da verdade.

– Que devo, então, fazer? – perguntou o faraó.

José respondeu, como se fosse um profeta:

– Deveis mandar acumular toda a alimentação excedente desses anos férteis, que se aproximam. O trigo armazenado ficará de reserva, como recurso para minorar os sete anos de fome.

– Visto que o teu Deus te revelou tudo isso, não há ninguém, no Egito, mais sábio do que tu – proclamou o faraó. – Tu mesmo serás o chefe da minha casa. Todo o meu povo será governado por ti, como primeiro representante do meu mando.

Então, o faraó tirou da sua mão direita um anel e entregou-o a José.

Tudo aconteceu como ele previra. Quando chegaram os anos de seca, a fome tomou conta dos países vizinhos, mas no Egito não faltou o pão. Por isso o povo glorificou o nome do antigo escravo que ensinara ao faraó as regras do bom governo e os ditames da prudência.

FIM